

esportes

Solidariedade marca resposta do Veleiros à cheia

Clube foi um dos pontos de resgate para centenas de pessoas vindas da Região das Ilhas e de cidades vizinhas



Rudá Neis

rudan@jcrs.com.br

Quem vive diariamente com o som do Lago Guaíba batendo sobre os barcos enquanto equilibra o vento com o manejo da vela, jamais imaginaria que a água geraria o caos. Foi este sentimento que os frequentadores e profissionais do Clube Náutico Veleiros do Sul tiveram no período de 20 dias que a instituição ficou submersa por conta das enchentes de 2024.

Nos seus quase 91 anos de história, lidar com a elevação das águas não é uma novidade. Em 1941, o clube se situava na sede do bairro Navegantes, na Zona Norte da Capital. Por conta da forte enchente que assolou o município naquele ano e a construção do dique de proteção, foi necessária a transferência para a sede atual no bairro Vila Assunção, na Zona Sul.

Refém da boa vontade do Guaíba, o Veleiros precisou encontrar soluções na velocidade em que

a água subia. Na madrugada do dia 3 de maio, a elevação da água chegou a 1 metro em relação ao dia anterior e assim, iniciou-se os afazeres. “De imediato, focamos em auxiliar às pessoas. Tentamos dentro do clube ainda salvar o que era possível”, relembra o comodoro do Veleiros, Frederico Roth.

Os profissionais do clube junto à Defesa Civil e sócios voluntários, organizaram uma força-tarefa focada nos resgate de pessoas. Roth classifica os primeiros momentos como desorganizados, muito por conta da velocidade que tudo ocorreu. Mas rapidamente se estabeleceu a ordem necessária para a realização dos salvamentos.

“A força-tarefa se dedicou a atender às pessoas da Região das Ilhas. Recrutamos pessoas do próprio clube que mais entendiam tecnicamente de condução de barcos em situações severas para nos dizer até que ponto poderíamos ir. Utilizamos três barcos com motores muito fortes, porque os de menor porte não davam conta da forte correnteza”, relembra Roth.

Ao todo, foram resgatadas mais de 2 mil pessoas que eram levadas para o Shopping Pontal, na Orla do Guaíba. Roth conta com orgulho do trabalho feito no período: “reconhecemos nossa contribuição para com a Defesa Civil nos



FABIANO BENEDETTI/VELEIROS DO SUL/JC

Mesmo com os espaços submersos, clube náutico resgatou mais de 2 mil pessoas em maio de 2024

auxílios. A Marinha do Brasil usou nossas instalações como QG de operações. A lembrança que prevalece é a da mobilização feita”.

Com a descida das águas, iniciou-se o trabalho de limpeza e reconstrução das dependências do clube. Voluntários e funcionários se uniram por conta da alta demanda. Os prejuízos chegaram a R\$ 1,3 milhão. Para lidar com o valor, o caixa do clube foi reduzido substancialmente. Juntamente, foi feita uma chamada extra aos sócios no valor

de um mensalidade - na qual a adesão foi de quase 100% - e doações voltadas para o custeio das operações de resgate e reconstrução.

Roth relembra o momento em que foi preciso redirecionar o olhar para o associado. “Temos em torno de 300 barcos de sócios nas nossas comodidades. Nas inundações, os moles de proteção ficaram submersos por 1,5 m e foi necessário amarrá-los para evitar que batassem nos trapiches e até mesmo afundassem”, conta. Em relação

às aulas de vela, ele acredita que os alunos não tiveram efeitos negativos de ordem técnica, mas o trabalho de reposição da frota de barcos de apoio esportivo precisa ser retomado.

Agora, o clube desenvolveu um protocolo de ações a serem disparadas conforme o nível da água. Caso o Guaíba volte a alcançar marcas parecidas, medidas serão tomadas com a finalidade de resguardar um dos espaços preferidos dos velejadores gaúchos.

Um ano depois, Clube dos Jangadeiros comemora retomada total das operações

Cássio Fonseca

cassiof@jcrs.com.br

Quem passa pela orla da Zona Sul de Porto Alegre, na altura dos bairros Tristeza e Assunção, está acostumado com a vista dos barcos dos clubes náuticos atracados no Guaíba. Pode-se ver, também, a estrutura desses locais e alguns

pontos clássicos, como a ponte do Clube dos Jangadeiros, que liga a parte do “Continente” com a “ilha particular” do clube, a qual o outro acesso pode ser feito apenas pela água. No entanto, a cena destes pontos submersos pela enchente que assolou o Estado um ano atrás foi de inimaginável a uma memória daquelas que não devem

ser esquecidas tão cedo.

Ainda assim, a reconstrução destes espaços foi feita em cerca de seis meses, até dezembro de 2024, e os estragos das cheias já não são perceptíveis, ao menos em um primeiro momento. É o caso do Jangadeiros, que viu sua sede ficar embaixo d’água naquele fatídico início de maio. Agora, com a retomada, respira novos ares, com a mesma estrutura reconstruída após a tragédia.

É o que destaca o comodoro do clube, Cristiano Tatsch, além de ressaltar o trabalho voluntário no início da catástrofe: “temos uma escola de Vela e o pessoal, inclusive da classe de campeonato, foi para a água ajudar a socorrer às pessoas que estavam ilhadas”. Foram cerca de 15 botes disponibilizados para os resgates nos dez primeiros dias de enchente. À época, o ponto de partida era a sede do clube, em direção às Ilhas, Humaitá ou qualquer outro lugar em que se pedia o socorro, vindo desde o contato

as autoridades às redes sociais do clube, abarrotadas de mensagens daqueles que já não viam outra opção para serem atendidos.

A importância do envolvimento do Jangadeiros e outras associações náuticas, acima de tudo, tem haver com expertise. “Nossos atletas e velejadores, principalmente os mais jovens, sabem o que se faz na correnteza do rio, como se entra num bote de borracha para não virar, como se enfrenta uma onda grande. E o pessoal, mesmo de órgãos públicos, não entendem especificamente de água, como o nosso pessoal que estava envolvido”, salienta Tatsch.

O comodoro também alerta que o Guaíba é muito baixo e funciona à base de canais, e o do clube, que leva para o canal onde ocorre o trânsito de navios maiores, foi perdido. Trata-se de uma das obras ainda em andamento, no valor de R\$ 200 mil oriundos do cofre do Jangadeiros, assim como a construção de uma rede

de esgoto própria e de energia com cabos subterrâneos blindados para não serem atingidos pela água. Um dos pontos de destaque é que nenhuma das quase 100 embarcações foi perdida com a catástrofe.

No continente, as perdas também foram significativas, não só para o clube, mas também para os comerciantes terceirizados do local. Foi o caso da Equinautic, loja de equipamentos e acessórios náuticos que, apesar da expressiva perda de material no depósito, se manteve ativa no espaço da loja, afetado em menor escala, para auxiliar nos resgates com a reposição de peças que estragavam ao longo do dia. “Como tínhamos que ficar 24 horas por dia lá dentro, começamos a atender as pessoas, porque era muita gente fazendo resgates. Ajudamos a trocar hélice e motor dos barcos, por exemplo”, conta o proprietário do negócio, Márcio Lima. Ele estima um prejuízo na casa dos R\$ 2 milhões.



LÉO SALVADOR/DIVULGAÇÃO/JC

Associados atuaram nos salvamentos em diversas regiões da cidade